



CIEA7 #2:

O DESPORTO NOS PAÍSES AFRICANOS: ENTRE AS PRÁTICAS COLONIAIS E OS PROJECTOS DE MODERNIDADE.

Victor Andrade de Melo[◉]

victor.a.melo@uol.com.br

Coriolano Pereira Rocha Júnior[◉]

coriolanojunior@uol.com.br

Esporte, colonialismo e pós-colonialismo:

o caso de Cabo Verde – um debate a partir de *Fintar o Destino* (1998)

Bale e Cronin (2003) argumentam que os estudos vinculados ao pós-colonialismo têm negligenciado o esporte enquanto objeto de investigação. Vidacs (2006) considera que a prática esportiva não tem recebido a devida atenção de investigadores do continente africano. Tendo em vista tais posições e para discutir o caso específico de Cabo Verde, esse estudo objetivou analisar o filme “Fintar o Destino”, de Fernando Vendrell (1998), que tem como personagem central Mané, um taberneiro caboverdiano que vive em Mindelo, Ilha de São Vicente, em meio a seu sonho de ter sido na juventude goleiro do Benfica, de Portugal. Argumentamos que essa película permite-nos discutir algumas questões chaves da presença atual do esporte na África desde um olhar pós-colonialista: o seu poder de penetração em função de constituir-se em ferramenta identitária e de projeção internacional, as desigualdades econômicas, a questão da migração e da diáspora, a natureza da relação com o antigo colonizador.

Cabo Verde, Pós-colonialismo, História do Esporte.

[◉] Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS. Coordenador do “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

[◉] Professor da Faculdade de Educação. Aluno do Doutorado em História Comparada/IFCS/UFRJ.

INTRODUÇÃO

- Com uma bicicleta vais para onde quiseres (Mané)
 - Para onde quiser? Você está maluco, Mané! (Djack)
 - Vais para onde quiseres, basta imaginar e dar ao pedal (Mané)
 - Dá ao pedal, mas não sai do mesmo sítio. Para sair daqui só há barco ou avião (Djack)
 - Djack, você sabe andar de bicicleta? (Luiz)
 - Não, mas também nunca precisei! (Djack)
- Siga seu coração, Mané, para quem nasce em uma ilha, a maior mágoa é ficar (Luiz)¹

Mané é o dono de um botequim na cidade de Mindelo (Ilha de São Vicente/Cabo Verde), uma herança que recebera de um tio. Na juventude fora um bom jogador de futebol, de uma das mais tradicionais equipes do arquipélago, o Mindelense, até os dias de hoje o clube que mais conquistou títulos nacionais (catorze). Para muitos foi um dos melhores goleiros que já houve no país, pelo menos isso dizem os poucos amigos que ainda o cercam, o cultuam e/ou lembram o seu passado glorioso, entre os quais Toy, seu empregado, admirador e benfiquista convicto (torcedor do Benfica de Portugal), como o protagonista.

Seu valor, na ocasião, fora reconhecido: exatamente no momento em que estava no auge de sua história, instante em que desponta para o mundo o craque Eusébio, o Benfica lhe fizera um convite para atuar em Lisboa, a possibilidade de alcançar o sonho de tantos no arquipélago. A vida, todavia, lhe pregara algumas peças. Motivos diversos, entre os quais uma namorada grávida (sua atual esposa, Lucy), o impediram de concretizar o seu desejo, ao contrário de Américo, amigo e parceiro de esporte que, também convidado pela equipe lisboeta, foi em busca da felicidade em terras europeias.

Nunca mais se soube de Américo, mas certamente, imagina, muitos imaginam, estará bem de vida, ao contrário de Mané, que enfrenta as dificuldades econômicas do país, bem como suas frustrações pessoais, uma vida marcada por enorme saudade do que não chegou a viver. Aliás, o antigo goleiro sempre defende o velho amigo Américo daqueles que desconfiam de sua trajetória, como Djack, frequentador contumaz do botequim, uma espécie de crítico e questionador das representações construídas pelo personagem central. Luiz, outro *habitué*, ao contrário, é a imagem do equilíbrio, o exemplo de quem saiu do arquipélago, estudou em Lisboa na juventude, prosperou e

¹ Diálogos do filme *Fintar o destino*.

por isso pode informar ao protagonista algo dessa experiência. Aparentemente, ele foi, viu e venceu.

Mané vive amargurado, insatisfeito. Bebe muito. Tudo lhe soa amargo, a não ser a esperança de que Kalu, funcionário de um posto de gasolina que nas horas livres (sempre prejudicadas pelas atividades laborais) é por ele treinado, possa se destacar no exterior. São constantes os conflitos com seus familiares. Lucy lhe acusa: “Gastas tudo com a mania do futebol”. Mané retruca: “Não fui para o Benfica por tua causa. E tu queres estragar tudo outra vez!”.

Lucy segura a barra como pode, sempre assombrada por ter “atrapalhado” Mané, suportando a rudeza do marido, afastada dos filhos (Alberto, que mora em Lisboa a quase 12 anos, e Virgílio, que vive em Praia, a capital do país, ilha de Santiago). Seu neto Vicente e o desejo de ter um belo vestido parecem ser suas únicas motivações; como diz, quando perguntada se a nova roupa é para uma ocasião especial: “Nunca me acontece nada de especial. É tudo a mesma coisa”.

A morosidade local só é quebrada pelo futebol, nos dias de jogo, ocasião em que o botequim de Mané enche de benfiquistas (exceto Djack, torcedor do Porto), ou pelas notícias que chegam pelo rádio e pelos jornais. O esporte bretão é, aliás, um dos personagens principais do filme, presença constante, parte constituinte do cotidiano caboverdiano, como assunto e como prática, pelas ruas, praias, campos.

Uma decisão vai mudar a trajetória do herói; de novo Lisboa será o porto onde seus sonhos vão atracar. Essa é, em linhas gerais, a trama de *Fintar o destino* (1998), filme dirigido por Fernando Vendrell (também produtor e roteirista), estrelado por Carlos Germano, Betina Lopes, Paulo Miranda, entre outros atores caboverdianos²; uma película que teve brilhante carreira internacional, tendo angariado várias premiações em festivais.

De um lado, a trama de *Fintar o destino* tem similaridades com outras películas: um personagem central que, por não ter resolvido suas questões de ontem, não consegue viver bem o seu presente; seu botequim, cheio de referências do passado, fotografias, medalhas, troféus, é sua âncora. Será necessário fazer uma viagem por sua própria história para garantir a redenção do herói.

De outro lado, o filme toca em questões que dizem respeito ao cotidiano de muitos caboverdianos; na verdade, dimensões que cercam a vida de muitos indivíduos de países periféricos, nos quais o futebol ocupa espaço especial como sede de sonhos, possibilidade de afirmação, alternativa de ascensão social, não só no que refere aos problemas econômicos, mas também como elemento de *status*

² Para mais informações sobre a ficha técnica, ver: <http://www.david-golias.com/> e <http://www.imdb.com/title/tt0119122/>. Acessados em 8 de agosto de 2010.

e distinção, de reconhecimento. Assim, Fintar o destino é ao mesmo tempo fortemente ancorado no local, mas ecoa compreensões universais, ligadas tanto às epopeias humanas quanto às tensões de um mundo globalizado.

A cena de abertura já explicita essa condição “glocal” do futebol, certamente uma das chaves para entender sua popularidade: poucas coisas são ao mesmo tempo tão universais e locais. Um menino marca com cal as linhas de um campo de futebol no belo e árido terreno de Mindelo. As dimensões e o formato são os adotados internacionalmente, mas a falta de grama em nada lembra os mais belos estádios do mundo³. Além disso, o nome do filme é uma feliz referência não só à trama em si, mas ao que espera um sem número de crianças e jovens em situação de risco ao se envolver com o esporte, ainda que saibamos que poucos realmente logram conseguir tal feito: fintar o destino.

A trajetória decadente do personagem central encontra similaridades na própria história de São Vicente: ambos outrora foram gloriosos e pujantes, mas nos dias de hoje não passam de um espectro do que foram, pelo menos nas representações ao seu redor construídas. Como se libertar dessa sensação e perspectivar outro futuro?

Na verdade, mesmo que não diretamente, o filme toca em questões locais de natureza política. Até quanto a independência resolveu os problemas dos caboverdianos? Cabo Verde é realmente independente ou ainda guarda grande dependência com os símbolos da metrópole ou de um mundo globalizado cujas lendas de sucesso chegam pelas ondas de televisão e rádio, pela internet, pelas páginas dos jornais?

As condições do botequim de Mané, as residências humildes, a necessidade de sortear uma bicicleta (embora isso seja mais simbólico, como se verá no final), os diálogos, tudo leva a crer que o filme trata de um estrato da população que enfrenta dificuldades para viver, para o qual o futebol é também um bálsamo. Como diz um personagem: “Cuidado, com a pobreza não se brinca”.

Considerando essas características, esse artigo tem por objetivo, a partir do diálogo com *Fintar o destino*, discutir duas ocorrências que são observáveis não somente no esporte caboverdiano, mas sim que tem na prática esportiva do arquipélago um exemplo de algo comum no cenário internacional: a) a migração dos jogadores de países economicamente menos fortes para determinados centros, especialmente do mercado europeu; no caso de Cabo Verde, essa questão toca ainda em outra dimensão muito relevante na sua história e nas suas construções identitárias, a diáspora; b) a relação de países recém independentes, notadamente do continente

³ Interessante observar que Mindelo tem também um dos únicos campos de golfe de terra do mundo. Para mais informações, ver Melo (2010).

africano, com os antigos colonizadores; no caso de Cabo Verde isso ganha um caráter especial na medida em que, durante décadas, a construção identitária majoritária não se deu exatamente a partir da ideia de ruptura com Portugal, mas sim na sintonia, algo que só se interrompeu parcialmente no período pós-independência (1975)⁴.

Argumentamos que essas duas ocorrências permitem-nos sintonizar a discussão sobre o esporte com os debates relacionados ao pós-colonialismo, especialmente no que se refere à permanência de posições e práticas neocolonialistas. Ressaltamos que, segundo Bale e Cronin (2003):

A despeito da vasta literatura que acompanha e tem analisado o pós-colonialismo, há pouco que foca o espaço do esporte no pós-colonial (...) a ausência do esporte, uma das mais globalizadas e compartilhadas formas de atividade humana, é uma lacuna (...). Esporte e práticas corporais oferecem um potencial veículo produtivo para considerar o pós-colonialismo (p.5).

Nesse estudo, o filme não foi a única fonte utilizada, nem, obviamente, encarada como a “verdade” sobre o que ocorre no arquipélago. Devemos ter em conta que se trata de uma película de ficção, um olhar sobre a realidade caboverdiana, lançado inclusive por alguém de fora do país, um cineasta português. De qualquer forma, vale considerar que o diretor passou três meses em Cabo Verde, coletando relatos e conhecendo histórias; o filme, inclusive do ponto de vista estético, tem por vezes certo caráter documental. Ademais, aqueles que trabalham com filmes como fonte já bem sabem que devem ser sempre encarados como uma representação, mesmo os documentários.

De fato, o filme é utilizado mais como um guia, um elemento provocador para que possamos discutir os temas-chave elencados, dialogando com outras investigações, outras fontes, outros olhares. *Fintar o destino* foi nosso mapa, o responsável por apresentar um norte para descortinarmos algumas peculiaridades da contemporaneidade do arquipélago, inseridas no cenário global, tendo o esporte como elemento central de debate, especialmente o futebol, a mais globalizada das modalidades.

⁴ Para mais informações sobre as construções identitárias caboverdianas, ver Fernandes (2006).

O ESPORTE EM CABO VERDE

Melo (2010) argumenta que em Cabo Verde o esporte já dava passos seguros nos anos finais do século XIX, embora tenha sido mesmo na segunda década do século XX, que o campo esportivo se consolidou.

Nossa hipótese para tal ocorrência tem relação com dois aspectos fundamentais que marcam a própria constituição do fenômeno esportivo no decorrer dos séculos XIX e XX: ele é tanto uma das mais potentes ferramentas de construção de identidades quanto um dos indicadores de vinculação dos atores políticos a projetos de modernidade e cosmopolitismo. Dada a característica e a peculiaridade da relação estabelecida com Portugal, não só o esporte encontrou em Cabo Verde território fértil para se enraizar, como se tornou um elemento importante em suas formulações culturais.

Com ênfases distintas nos diversos momentos da história do arquipélago, a construção de uma identidade local contemplou um olhar sobre o esporte (ou pelo menos ele foi um elemento importante nas tensões internas sobre o que deveria ser essa identidade); ao mesmo tempo, essa prática ajudou na consolidação do que deveria ser compreendido como “caboeverdianidade” (Melo, 2010).

Assim, ao contrário do que se aponta para alguns casos na África⁵, o desenvolvimento do esporte caboeverdiano não foi prioritariamente marcado por ser uma estratégia para satisfazer interesses metropolitanos de disciplinar e ordenar a população colonial, mas sim um movimento mais interno, que tem haver com a especificidade da história do arquipélago.

Entre as modalidades, o futebol ocupa um espaço curioso na história de Cabo Verde. Foi na virada dos séculos XIX e XX que se introduziu na colônia o futebol, segundo Barros (1998), pelas mãos de Chico Serradas (Francisco Cipriano Serradas), que trouxera a prática de Lisboa. Há que se observar, contudo, que há indícios de que o esporte já era jogado anteriormente, de forma espontânea e sem muita estrutura, provavelmente por ter sido aprendido com marinheiros estrangeiros. Era comum a realização de jogos com tripulantes dos navios que aportavam na Baía de Mindelo.

Em termos de número de ações e de envolvimento dos caboeverdianos, o futebol foi a grande novidade esportiva das décadas de 1920-1940, substituindo o cricket e o golfe na preferência da população, já delineando o espaço que ocuparia nos anos seguintes: ele tornar-se-ia progressivamente a prática com maior popularidade no arquipélago.

⁵ Para mais informações, ver Martin (1995) e Vidacs (2006).

Havia, todavia, um certo conflito na popularização do esporte. O que ocorre é que o futebol expunha os limites das representações cavalheirescas construídas ao redor do cricket e do golfe. Se essas duas práticas ajudavam a enaltecer a ideia de que o caboverdiano era um *lord*, o que o colocava em um patamar superior a seus congêneres africanos, motivo pelo qual Portugal deveria tratar a colônia como parte efetiva do Império, os campeonatos do velho esporte bretão feriam tal construção, já que os conflitos eram constantes, algo sempre repreendido pelos intelectuais e jornalistas, debates profundos que tocavam na própria questão da identidade.

Mesmo que essa dimensão de certa forma prossiga nas décadas de 1970 e 1980, no período do pós-independência, a partir desse momento o futebol será mais claramente mobilizado na construção de um sentido de nacionalidade, no novo quadro político em que se reavaliam as compreensões acerca da “caboverdianidade”.

Destaca-se a formação de uma seleção nacional, a ligação a entidades esportivas mundiais (como a Zona 2 do Conselho Superior do Desporto da África e a Federação Internacional de Futebol, a FIFA, na qual Cabo Verde foi aceito em 1986) e a participação em competições internacionais, as eliminatórias para a Copa do Mundo, mas muito especialmente a Taça Amílcar Cabral, o mais relevante evento futebolístico do qual o país participa ativamente (Melo, 2010).

Paulatinamente, o país já independente foi mais ativamente participando dos movimentos esportivos transnacionais. Não é difícil perceber que, nos dias de hoje, em Cabo Verde, as questões relacionadas ao esporte têm similaridades com o que ocorre e é comumente valorizado no cenário internacional, algo que tem relação com o importante papel que ocupa a prática no tabuleiro geopolítico mundial.

Por exemplo, comumente o esporte é encarado como uma forma de divulgação da imagem da nação. São comuns os elogios e exaltações a atletas de origem caboverdiana que competem por outros países: eles são encarados como mensageiros globais da existência do arquipélago.

Isso é bem notável no caso de Josh Ângulo. Diz a matéria publicada em *Visão News*, em 28 de maio de 2006⁶, ocasião em que foi anunciado com grande alarde o fato de que muitos jogadores do futebol português elegeram o arquipélago como local de descanso nos períodos fora de temporada (esperava-se que esses atletas acabariam funcionando como “embaixadores” das belezas nacionais):

Mas não são só os atletas de futebol a sucumbirem aos encantos desta terra crioula. Imagine o que não dirão os praticantes de desporto aquático, principalmente de windsurf, surf, pesca e mergulho submarino com as

⁶ Disponível em: <http://www.visaone.com>. Acessado em: 24 de maio de 2008.

qualidades sobejamente conhecidas das nossas ondas, águas cristalinas e recheadas de peixes e corais. Há até alguns que enfeitados pelo canto de alguma sereia crioula, decidem ficar mesmo por cá. Um caso assim é o do windsurista profissional e campeão do mundo, o americano Josh Ângulo, que veio pela primeira vez em 1998 e nunca mais foi embora. Mais, Josh corre hoje pelos circuitos internacionais com a bandeira azul vermelha e branca de Cabo Verde. Já imaginou se a moda pega também com os futebolistas, a seleção que poderíamos ter?

Na edição de 1 de março de 2009⁷, o *Expresso das Ilhas* publica uma matéria em que se exalta a vitória de Ângulo na primeira etapa do circuito mundial de windsurf. A foto é explícita: o atleta comemorando com uma bandeira de Cabo Verde nas mãos.

Outro para quem sempre se tece loas é Nelson Évora, medalha de ouro no salto triplo nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Mesmo que tenha nascido na Costa do Marfim, e participe de competições defendendo as cores de Portugal, como seus pais são originários de Cabo Verde, e como viveu no arquipélago, os jornais locais sempre a ele se referem como “atleta de origem caboverdiana” ou “luso-caboverdiano”; o mesmo se passa com Nani, futebolista caboverdiano naturalizado português que joga no Manchester da Inglaterra e na seleção da ex-metrópole.

Sidónio Monteiro, na ocasião Ministro Adjunto da Juventude e dos Desportos, chegou a se pronunciar oficialmente por ocasião da vitória de Évora nos Jogos Olímpicos⁸:

O Governo de Cabo Verde, em nome de toda a comunidade nacional, felicita o jovem atleta Nelson Évora e aos “irmãos” portugueses pela conquista da medalha de ouro nos Olímpicos de Pequim (...). É orgulho para todos os caboverdianos o feito de Nelson Évora. (...) os caboverdianos torceram e viveram as emoções do jovem atleta de origem caboverdiana que competiu pela bandeira portuguesa (...). A nação caboverdiana encheu-se de orgulho e regozijo ao ver o nosso Nelson Évora saltar para o lugar mais alto do pódio olímpico, como se pela bandeira caboverdiana tivesse sido.

A matéria publicada pelo *O Liberal* de 21 de agosto de 2008⁹ resume bem o sentido dessas vitórias para uma parte do país. Primeiro, a exaltação do fato de o atleta ser de origem caboverdiana e não poder competir pelo país, algo que toca diretamente nos problemas gerais da nação:

⁷ Disponível em: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/noticias/detail/id/7491/>. Acessado em: 1 de março de 2009.

⁸ O *Liberal*, 22 de agosto de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv>. Acessado em: 1 de março de 2009.

⁹ Disponível em: <http://liberal.sapo.cv>. Acessado em: 1 de março de 2009.

Campeão olímpico, campeão mundial, Nelson Évora honra-nos. É fruto da nossa diáspora pelos caminhos da Terra: caboverdianos de origem ou descendentes vêm dando contributo para a afirmação dos países que os acolhem. Somos dos que gostariam que o Arquipélago tivesse condições para que os seus filhos não se dispersassem por terra longi: olhando só para o desporto, já alguém pensou que seleção de futebol poderíamos ter? Que atletas ergueriam bem alto a nossa bandeira? Que equipes de basquete teríamos? Que judocas, karatecas e lutadores nos trariam triunfos? Quantas vezes congeminaamos sobre isto e nos perguntamos: que país somos, que país podemos ser?

Essa posição, contudo, não é só um lamento, mas um alento, um estímulo para que o país possa progredir:

Confiamos que, vencendo dificuldades, ultrapassando obstáculos, cerrando os dentes, lutando, trabalhando, porfiando, seremos capazes de, em djunta mon, fazer deste pequeno país com alma grande uma realidade desenvolvida e moderna. Um dia isso será possível. Até lá vamos olhando o exemplo que a nossa diáspora nos dá: ela afirma-se e, com ela, aprendemos que somos tão bons ou melhores que os outros povos, que somos capazes de o demonstrar desde que tenhamos condições.

Por fim, o grande significado: a difusão de uma bela imagem do país. Isso é de tal ordem que o jornalista sente-se inclusive no direito de partilhar simbolicamente a conquista:

Neste momento, saudamos Nelson e somos solidários com seu pai que, hospitalizado, soube em Lisboa do triunfo do filho. E sorrimos ao pensar se a informação portuguesa, sempre lesta a identificar como caboverdiano um eventual responsável por algo de nefasto que no seu país aconteça, será capaz desta feita dizer aos seus leitores que o medalha de ouro português é, afinal, luso-caboverdiano. Em Cabo Verde também nos congratulamos com este ouro olímpico. Ele é, queiram ou não, um pouco nosso. E não só por afinidade.

Essa relação com atletas de “origem caboverdiana” se dá dessa forma tanto porque uma das marcas da diáspora é o orgulho de quem partiu e venceu quanto porque os atletas locais, competindo pelas cores do país, não obtêm significativos resultados internacionais. Isso, contudo, não impede que os jornalistas também comemorem o que consideram conquistas relevantes.

Por exemplo, Luiz Nobre Leite, em matéria para *O Liberal*¹⁰, é bem explícito ao estabelecer a relação entre as conquistas esportivas e a construção de uma imagem para o país. Comentando o bom desempenho da equipe de Cabo Verde no Campeonato Africano de Basquete de 2007, afirma:

O basquetebol caboverdiano está de parabéns pelo 3º lugar alcançado no Afrobasket 2007, que representa, sem sombra de dúvidas, o maior feito desportivo da história destas ilhas. De parabéns estão, também, o desporto caboverdiano e o País, que vêem o nome de Cabo Verde projetado ao mais alto nível no contexto das nações - Graças ao bronze, com sabor a ouro, de mais uma proeza do basquetebol caboverdiano.

Mais a frente, é ainda mais enfático:

Os nossos bravos de hoje, referências de amanhã e herois para sempre, conseguiam, com o seu espírito guerreiro e a sua união, colocar este pequeno país, mas peculiar na sua grandeza pelos quatro cantos do mundo, em apoteose. O tempo é de festa e de euforia. Merecida... completa e plenamente!

O esporte é usado, assim, para compor uma ode ao patriotismo:

impulsionados pelo apelo do Presidente da República para sonharem, os jogadores e a equipa técnica – serão perpetuados na história como os “bravos” que conquistaram África, a partir de Angola – com muita humildade, vestidos de “fato-macaco” e guiados pela crença e pela luz que acompanha os herois, encarregaram-se de deixar o sonho comandar a vida. O que poucos se atreviam a sonhar, transformar-se-ia em realidade para todos os caboverdianos: CABO VERDE BRONZE NO AFROBASKET 2007.

Obviamente que devemos considerar o quanto de ideal há nessa representação. O fato de a população de um país se envolver profundamente ao acompanhar um selecionado em uma competição internacional, mesmo cantando hinos e desfilando com bandeiras, não garante que isso possa ser extrapolado para outros momentos. Da mesma forma, devemos discutir se patriotismo significa simplesmente o louvar de símbolos nacionais. De qualquer maneira, não parece prudente abandonar a força discursiva do que é expresso ao redor do esporte, notadamente pela imprensa e/ou posicionamentos oficiais.

¹⁰ Publicada em 28 de agosto de 2007. Disponível em: <http://www.liberal-caboverde.com>. Acessado em: 24 de maio de 2008.

NEOCOLONIALISMO? A VINCULAÇÃO AO FUTEBOL PORTUGUÊS

Nesse quadro atual, um dos aspectos que merece ser discutido é a própria vinculação com o esporte europeu. Segundo Darby (2006), até os dias de hoje, nas antigas colônias portuguesas na África, há um relacionamento mais forte dos torcedores com os clubes de Portugal do que com as agremiações de cada país. Uma enquête feita pela BBC demonstra que, em 1996, somente 15% da população de Moçambique afirmava preferir o campeonato nacional¹¹. Como demonstra Fernando Borges (2010), o mesmo se passa em Cabo Verde, que ainda tem outra curiosa ocorrência: os clubes locais se apresentam como filiais de clubes de Portugal.

Podemos ver em *Fintar o destino* uma representação dessa ligação com Portugal. Fernando Vendrell, aliás, informa que teve a ideia de fazer a película quando, estando no arquipélago, acompanhou a final do Campeonato Português de Futebol. O grau de mobilização da população chamou a sua atenção. Posteriormente outros dados o motivaram ainda mais, como o fato de ser *A Bola*¹², um jornal esportivo de Lisboa, o mais vendido no arquipélago¹³. Além disso, descobrira que há muitas histórias de moradores que tiveram como projeto de vida jogar na Europa.

Em *Fintar o destino* salta aos olhos não só a enorme paixão dos caboverdianos pelo futebol português, como também a desvalorização do personagem central pelo fato de não ter ido jogar na Europa. A trama, aliás, só se resolve quando Mané vai a Portugal, para ver a final do campeonato de futebol e supostamente fazer contatos para Kalu jogar no Benfica. Briga com a esposa, enfrenta alguns fantasmas e sabe que outros terá que enfrentar.

Começa a saga do herói. Pela primeira vez sai de Cabo Verde. No aeroporto de Lisboa, sente-se só enquanto seu filho Alberto não chega para buscá-lo. Até lá, vários caboverdianos recolhem as encomendas que trouxera do arquipélago. Não se dá conta que é, mesmo que parcialmente, um migrante, o que não fora no passado, mesmo que desejasse ser. O primo de Toy pega com ele uma garrafa de grogue, a bebida típica, e sacramenta: “o meu primo que embebedar-me de saudades”.

Na casa de Alberto, sente-se desconfortável, não sabe viver em família, está na presença de “estranhos” e sequer pode contar com a companhia do velho esporte:

¹¹ Dados recentes sobre tal aspecto em Cabo Verde podem ser obtidos no estudo de Borges (2010).

¹² *A Bola* é um jornal publicado há 65 anos; é um dos principais periódicos esportivos do mundo de língua portuguesa. Segundo sua redação, é o segundo mais acessado jornal *on line* de língua portuguesa do mundo (somente atrás de *O Globo*, do Rio de Janeiro); é o sétimo mais acessado entre os diários esportivos mundiais.

¹³ Não surpreende que uma das cenas iniciais do filme faça referência a esse fato. Toy, trajado com uma “camisola” do Benfica, enfrenta um tumulto em uma banca de jornal para conseguir um exemplar de *A Bola*, para com Mané ler as notícias do esporte português.

de frente para a televisão comenta que o filho está bem de vida, pois tem até o sonhado eletrodoméstico, mas Alberto sequer gosta de futebol, traumatizado por ter sido por ele abandonado pelo pai.

Ao amanhecer do dia seguinte, Mané começa a tomar contato com a dura realidade da cidade grande. Ele que é nascido e criado em uma ilha, enjoa no barco que vai a Lisboa. Tem dificuldades de se localizar com tanta gente ao seu redor. Não consegue comprar bilhetes para a final do campeonato. No Estádio da Luz, tenta falar com o treinador e com o presidente do Benfica, usando sua história como argumento, o máximo que consegue é, numa ocasionalidade, ir até o gramado. Ali ainda imagina o seu suposto passado glorioso. Tenta comprar ingresso de um cambista, que ao fim vai enganá-lo. Como ele mesmo diz: “É tudo tão difícil nessa terra”.

O pior está por vir. Depois de tantas tentativas, reencontra Américo, numa casa caindo aos pedaços, numa região pobre das redondezas de Lisboa. O herói avalia sua trajetória, percebe a desreferencialização do velho amigo:

- Estás longe da terra (Américo)
- Como tu! (Mané)
- Eu já não tenho terra! (Américo)

Américo fracassou, ao contrário do imaginara, tudo não passou de uma ilusão:

- Não imaginas o que foi minha vida. Aquela mesma mãozinha que me recebeu, quando envelheci, abriu-me a porta da rua (Américo)
- Mas, e o Benfica? (Mané)
- Benfica, não deu em nada. Um gajo embirrou comigo e nunca mais me deixou jogar. Joguei em clubinhos, nunca ganhei nada. (Américo)

Relembra o passado e a frase de Américo encerra definitivamente o sonho: “Graças a Deus tu estás bem de vida”. Ao fim, ainda pede uns trocados a Mané, que desolado volta à casa do filho.

Não acabou ainda a trajetória do herói, há o caminho de volta. Ele ainda enfrentará um duro diálogo com o filho, o aniversário do neto no mesmo dia do jogo e ao fim, sequer consegue ir ao estádio, pois fora enganado pelo cambista, tendo que se conformar em assistir a partida na rua, em meio aos excluídos, em uma televisão que se encontra dentro de uma vitrine.

Ainda assim, Mané volta como herói, afinal teria assistido ao vivo o jogo decisivo, algo lembrado pelos amigos que acompanham a mesma partida pela rádio do botequim, liderados pelos orgulhosos Toy e Lucy, imaginando ele está acompanhando o certame ao vivo. Mané nunca contará a verdade, sabe que será

valorizado por ter ido ao estádio. O exterior continuará sendo a grande referência de realização, mesmo que não passe de uma idealização, uma ideia fixa.

Poder-se-ia ver essa grande valorização do futebol português como o estabelecimento de vínculos neocoloniais? No blog “Café Margoso”, de João Branco, vemos um interessante debate ligado a essa questão¹⁴. O autor lembra que quando chegou a Cabo Verde, em outubro de 1992, em uma tarde de sábado, as ruas de São Vicente estavam vazias: grande parte da população estava, pela televisão ou pelo rádio, acompanhando um jogo (uma final) entre duas equipes rivais de Lisboa. Logo depois recorda que, quando a seleção caboverdiana foi campeã da Taça Amílcar Cabral (2000), “uma grande festa tomou conta da cidade de Mindelo”. Contudo, relembra, já que no mesmo dia o Sporting tinha se sagrado campeão nacional de Portugal (quebrando um longo jejum de títulos):

O povo saiu à rua. Quem visse concluiria que a seleção caboverdiana equipava de verde e tinha o leão como o símbolo maior, porque era essa a cor e a figura dominante na grande festa popular (...). A festa foi muito mais verde que azul. A verdade é que houve mais rugidos de leão do que mordidas de tubarão (os selecionados crioulos tem a alcunha de tubarões azuis).

Esse post de Branco fora motivado por um artigo de Odair Rodrigues, “Benfica ou Seleção Nacional?”, publicado, em 3 de maio de 2010, no sítio Nhaterra¹⁵. Esse autor comenta as intensas festas populares que houve nas ruas de várias ilhas do arquipélago, motivadas pela conquista de um campeonato pelo Benfica, que conta com muitos adeptos em Cabo Verde. Segundo ele, é curioso que os jovens demonstrem tanto entusiasmo pela equipe lusa e tão pouco envolvimento com o selecionado nacional de futebol:

É uma triste aculturação dos jovens caboverdianos. Temos um fanatismo doentio por equipes de um país que nos dominou durante séculos e que depois votou-nos ao esquecimento nos seus manuais de História. Grande parte dos jovens estudantes portugueses desconhece a localização de Cabo Verde num mapa-múndi. Depois de termos sido colonizados por Portugal, hoje muitos portugueses sabem da nossa existência porque há caboverdianos nas terras lusas. Enquanto isso, somos mais benfiquistas do que um lisboeta.

¹⁴ Disponível em: http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html. Acessado em: 15 de julho de 2010.

¹⁵ Disponível em: http://www.nhaterra.com.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=1722&Itemid=527. Acessado em: 15 de julho de 2010.

Uma das cenas do filme é ilustrativa nesse sentido. Um estrangeiro/português toma água no botequim de Mané, quando esse chega e oferece um grogue (apresentado assim, “é como a vida, quanto mais forte melhor”), que “queima o peito” do cliente. Djack chega e lhe pergunta algo “sério”: para que time torce. Quando o estranho informa que é adepto do Sporting, a surpresa é geral, ao que responde: “Vocês levam isso de futebol muito a sério”. Mané reforça seus compromissos com o Benfica. Em nenhum momento se fala de uma equipe local ou da seleção caboverdiana. Mané e Toy são tão ou mais benfiquistas do que o português.

Para Rodrigues, o problema não é torcer por equipes estrangeiras, mas desprezar as caboverdianas. Isso teria relação com a atuação dos meios de comunicação caboverdianos, que valorizam mais o esporte português, chegando a se referir à seleção daquele país como “seleção nacional”. O fato é que a mídia parece mesmo ter sido, na história do arquipélago, um elemento importante no estabelecimento de uma forte relação dos nativos com os clubes da, na época, metrópole. Lembra Oliveira (1998) que no processo de popularização do rádio, observável nas décadas de 1960 e 1970:

A emissora de fora que era a mais sintonizada era a Emissora Nacional de Portugal, não por sentimentos patrióticos, mas para seguir o campeonato de futebol português! (aliás, a nível popular o jornal português mais difundido em Cabo Verde era o desportivo A Bola de Lisboa). Posta em contato com a metrópole por meio da rádio a população caboverdiana dividiu-se não em apoios a partidos políticos, que isso era impossível, mas em apoio a diferentes clubes de futebol de Portugal. O povo dividiu-se em benfiquistas, sportinguistas, portistas etc. e isso continua até hoje (p.671).

Branco não coaduna com parte das observações de Rodrigues. Para ele, “há que se olhar isto como um fenômeno sociológico abrangente sem complexos de qualquer espécie”. De acordo com seu olhar, as equipes de Portugal não são apenas clubes: “Fazem parte de uma herança cultural, tal como a língua portuguesa”

As posições que se seguem ao *post* são distintas. Alguns concordam com Rodrigues. O leitor que assina como “Pss” chega a dizer que as perspectivas para o esporte em Cabo Verde não são boas em função da falta de atenção dos meios de comunicação: “ao mesmo que enaltece feitos de atletas de outros países ignoram por completo os feitos de nossos desportistas”. Para ele, a própria ideia de PALOPs é uma forma de enquadramento prejudicial: “Africanos sim!!! SEMPRE. PALOPS soa mais a

Repúblicas de Bananas, órfãos (coitaditos) da colonização que precisam que o Grande Benfica lhes dê uma alegria”¹⁶.

Outros, todavia, se alinham às posições de Branco. O leitor que assina como “argumentonio” crê que a vitória do Benfica é um “fenômeno nacional, da diáspora e da lusofonia”. Para ele, tenta-se complicar e confundir as coisas; em última instância, trata-se de uma festa popular. “Anônimo” caminha em sentido aproximado, afirmando: “Há coisas bem mais superiores que o colonizado ou o colonizador”.

Particularmente, não cremos mesmo que seja possível afirmar linearmente que se trata de manifestações de neocolonialismo, ainda mais nos dias de hoje, nos quais os clubes europeus são formados por jogadores originários das mais diferentes nações, inclusive de um grande número de africanos.

No futebol, parece haver um duplo esquema de vinculação: a seleção nacional ainda mobiliza em certa medida a população (menos do que esperam alguns) e cria laços identitários; as agremiações locais não tanto. Sem negar outros aspectos, como a influência dos meios de comunicação e a força do poderio econômico constituído ao redor do esporte, talvez a explicação seja mesmo mais simples: quando o selecionado entra em campo, joga a nação; fora disso (ou para além disso), o público prefere mesmo o espetáculo de melhor qualidade, e nesse sentido é mais emocionante a competição de Portugal, como também a do Brasil, da Espanha, da Itália e de outros países.

Por que então acompanhar preferencialmente os jogos da antiga metrópole e não de outros países? Por força do costume: há muitos anos acompanha-se esse campeonato e todo bom torcedor sabe que um dos principais meios de propagação da afiliação a um clube, mesmo que não devamos dispensar a força da mídia, ainda é familiar, dos pais para os filhos.

NEOCOLONIALISMO? A MIGRAÇÃO DE JOGADORES

Outra questão de grande relevância que podemos discutir é: a migração de jogadores africanos para a Europa. No filme isso é tratado na história de Mané, mas também e principalmente na relação desse com Kalu. De treinador, ele passa a se apresentar como empresário, tudo para que seu velho sonho se transfira para seu pupilo. A diferença, contudo, é marcante: o desejo principal de Mané era prestígio,

¹⁶ Disponível em: http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html. Acessado em: 15 de julho de 2010.

Kalu quer resolver financeiramente sua vida e lembra ao velho goleiro que seus planos são diferentes, seus sonhos são distintos.

Mané tenta pregar para Kalu a necessidade de ser disciplinado, deixar de lado as noitadas, as mulheres, os desvios de comportamento; só assim terá sucesso em sua carreira no exterior. O jovem, contudo, não parece muito convencido dessa possibilidade e pretende mesmo ir para os Estados Unidos. Enquanto isso namora Erica. Na praia, o diálogo é representativo. Ela diz que ele tem que mudar de vida, arranjar um trabalho; Kalu responde que já está providenciando isso:

- Na equipe de Mané? (Erica)
 - Não. Escrevi a um tio meu que está na América, para me mandar buscar (Kalu)
 - O que vais lá fazer? (Erica)
 - Qualquer coisa, preciso sair e conhecer o mundo (Kalu)
 - Eu também. Para o ano vou para Lisboa estudar (Erica)
 - Não sabia (Kalu)
 - Essa terras está difícil (Erica)
- Mané ainda tenta demover Kalu da ideia.
- Vais para Lisboa e é para o Benfica (Mané)
 - Mas eu queria ir para os States (Kalu)
 - Para América?! Um lugar onde não jogam futebol? Deixa de coisas Kalu! (Mané)

Migração e diáspora são temas constantes na história de Cabo Verde. Tal a contundência do quadro, o governo possui programas de mapeamento, apoio e reinserção de emigrantes. Dados de Katia Cardoso (2004) indicam que há cerca de 300.000 caboverdianos/familiares nos Estados Unidos, 83.000 em Portugal, 25.000 na França, 16.000 na Holanda, 3.000 em Luxemburgo, além de comunidades em Suécia, Noruega, Alemanha e Bélgica, entre outros países (inclusive o Brasil). Informa o sítio oficial do governo de Cabo Verde:

A população residente no país é estimada em 434.263 habitantes, sendo uma população jovem com média de idade de 23 anos. A falta de recursos naturais e as escassas chuvas no arquipélago determinaram a partida de muitos caboverdianos para o estrangeiro. Atualmente a população caboverdiana emigrada é maior do que a que vive em Cabo Verde¹⁷.

¹⁷ Disponível em: <http://www.governo.cv/>. Acessado em: 17 de maio de 2010.

No que se refere ao futebol, que tem a sua “diáspora própria”, antes, no quadro colonial, os jogadores africanos participavam diretamente das seleções europeias de futebol, como é o caso do grande moçambicano Eusébio, um dos maiores destaques da seleção portuguesa e do Benfica em sua época de ouro, até hoje reverenciado. Nos dias de hoje, é o dinheiro dos clubes europeus que compra os atletas dos países em desenvolvimento, algo observável também com outros esportes e outros continentes, como, por exemplo, com a América do Sul¹⁸.

As informações de John Bale (2004) são impressionantes. Em 2002, dos 311 atletas de 16 seleções da Copa da África, 193 jogavam na Europa (ou seja, 62%); as equipes de Camarões, Nigéria e Senegal eram quase integralmente formadas por jogadores que atuavam fora do país de origem. Em 1999 havia cerca de 890 africanos no futebol europeu; Portugal era um dos países que mais recebia jogadores (considerando as várias divisões). Angola era um dos países que mais enviava atletas, sendo que 93% para a antiga metrópole. Enquanto isso, o futebol da África não se desenvolvia na mesma medida¹⁹.

Bale é categórico; não há como negar que se trata de uma forma de neocolonialismo:

A sistematização do recrutamento, migração e trabalho dos jogadores africanos de futebol pode ser vista como uma forma de neocolonialismo (...). Gostaria de ilustrar o neocolonialismo das migrações de jogadores africano por meio de três exemplos. O primeiro é a criação de “clubes fazendas” pelos megaclubes na África, o segundo é a exploração de jovens africanos recrutados na Europa, e o terceiro faz alusão ao papel de “agentes” no aproveitamento dos talentos esportivos africanos domiciliados em Europa (p.237)²⁰.

Já Armstrong e Giulianotti (2004) tem uma visão mais otimista. Segundo eles:

O sistema internacional de futebol não é totalmente negativo para os jovens jogadores africanos. Para os poucos que conseguem, status social e segurança econômica seguem ao lado do prazer de jogar regularmente. Para muitos, é melhor ficar no Ocidente e trabalhar do que voltar a uma nação em grande declínio. Para os milhões que não conseguem ser selecionados, o futebol representa uma experiência de lazer agradável e um passatempo social saudável, ainda que na fuga temporária dos riscos pessoais da vida da cidade africana (p.11).

¹⁸ Para maiores informações, ver os estudos de Marcos Alvito (2006) e de Nina Clara Tiesler e João Nuno Coelho (2006).

¹⁹ Para mais informações, ver também artigo de Raffaele Poli (2006).

²⁰ Para mais informações sobre o esporte no continente africano, ver estudos de Giulianotti (2010) e Vidacs (2010).

Podemos identificar algumas repercussões dessa questão em Cabo Verde. Jorge Tolentino, em fala proferida na Associação Cabo-Verdiana de Lisboa²¹, afirma:

Permitam-me que aponte um aspecto, porventura lateral. Os resultados obtidos pelas equipes africanas na atual Copa do Mundo dizem-nos do muito que ainda há a fazer no nosso continente, em todos os domínios. Tendo sido Ministro dos Desportos, sei perfeitamente que esta é uma área preterida ou adiada nos orçamentos e planos de investimento. Mas o que aqui quero sublinhar é apenas isto: também neste domínio a África tem sido uma fonte de enriquecimento para muitas nações. Ou seja, a imigração tem contribuído largamente para a revitalização do desporto, e desde logo o futebol, em vários países de acolhimento.

Vejamos que tal preocupação também se manifesta de forma irônica em matéria sobre uma visita do presidente da FIFA a Cabo Verde²²:

Aproveitando que o Joseph Blatter que esteve por essas bandas recentemente agora é um dos nossos, só tínhamos que convencer o homem a aprovar uma lei especial autorizando que, mesmo os atletas que já tenham representado as suas seleções nacionais, possam vestir dez estrelas ao peito²³. Que bonito, aí a profecia de Nho Puxim poderia mesmo se tornar realidade, e não é que ele quase acertou? Em ano de Mundial, Cabo Verde joga amanhã com Portugal, uma seleção que vai à Copa na Alemanha, nosso adversário naquela épica final. Nunca estivemos tão perto do Mundial, não é verdade?

Voltando à fala de Jorge Tolentino, ele vai direto ao ponto, demonstrando os problemas nacionais que estimulam essa fuga de talentos:

Nos nossos países, para além das deficiências de organização, infraestruturais e de uma defeituosa postura em relação ao desporto, tanto da parte do Estado quanto do lado dos cidadãos, a verdade ainda é que os craques que militam nas galáxias do futebol milionário não regressam à terra ainda a tempo de ajudar a imprimir o necessário entrosamento e uma dinâmica ganhadora às equipes nacionais. Sem esquecer que nem todos regressam.

Enfim, parece ser necessária uma análise matizada, que não caia no extremo de ver resistência em tudo, tampouco dominação em todas as dimensões; que não

²¹ Publicado em Visão News em 30 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.visaonews.com>. Acessado em: 17 de outubro de 2007.

²² Publicada em Visão News, em 28 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.visaonews.com>. Acessado em: 17 de outubro de 2007.

²³ Essa é uma referência à bandeira de Cabo Verde.

despreze a via da pasteurização, mas que procure captar a via de ressignificação e adaptações para fins próprios.

Perceber essas ambigüidades só será possível a partir de um olhar mais detido para cada país, para cada experiência, à busca de desvendar de forma mais complexa o quanto a prática do esporte significou possibilidade de contraposição (notadamente por ser alternativa de agrupamento), o quanto se adequou e/ou foi ressignificado pelas características culturais locais (especialmente por ser motivo de festa); o quanto foi mesmo sinal de sucesso de iniciativas de dominação: um processo sempre tenso e simultâneo.

CONCLUSÃO

Entre as competições internacionais em Cabo Verde, a Taça Amílcar Cabral²⁴ seguiu (e talvez seja possível dizer que segue) sendo a grande referência nacional, a “nossa copa do mundo”, como por vez e outra a ela se refere um jornalista. Quando, em 2000, 25 anos depois da independência (1975) e quase 10 anos depois da adoção do multipartidarismo (1991), o país, que de novo sediava o evento (a 12ª edição, depois de ter organizado a 4ª edição), conquistasse no Estádio da Várzea a vitória na final disputada contra a seleção de Senegal (1 x 0), o país inteiro comemoraria a sua maior conquista internacional.

É verdade que aparentemente tal comemoração fora, em certo sentido, “tumultuada” (ou ao menos minimizada), na opinião de alguns, pela vitória do Sporting no campeonato nacional da antiga metrópole. De qualquer forma, os “tubarões azuis” finalmente fizeram tremular no mais alto patamar de um evento internacional a bandeira do país; já não mais a do período do PAIGC, mas sim a do período pós-abertura, adotada a partir do momento em que o Movimento Pela Democracia (MpD) assumiu pela primeira vez o poder²⁵.

Mesmo nesse momento de festa, os símbolos nacionais tiveram que dividir espaço com símbolos estrangeiros, de um clube português. Mas será que podemos dizer que os símbolos das equipes da ex-metrópole são mesmo tão estrangeiros? Não

²⁴ A Taça Amílcar Cabral foi disputada anualmente entre 1979 e 1989, passando a ser bienal até 1997. Depois de interrupção de 3 anos, foi retomada em 2000, 2001 e 2005. Retornaria em 2009, sendo adiada para 2010 e por fim cancelada. Senegal foi o país que obteve mais títulos: 8.

²⁵ O selecionado nacional ainda chegaria uma vez mais a final da Taça Amílcar Cabral, em 2007, perdendo, contudo, a partida decisiva para Mali, por 2 x 1. Já fora vice em 1991, 3º lugar em 1989 e 1995 e 4º lugar em 1981, 1982 e 1985. Fez ainda boa campanha nas eliminatórias para a Copa de 2010; mas segue sendo um sonho estar presente no maior evento esportivo mundial, da mesma forma que ter resultados mais expressivos na Copa Africana de Nações. A título de curiosidade, quando estávamos finalizando esse ensaio, empatou com Portugal em jogo preparatório daquele país para a Copa do Mundo de 2010.

teriam sido apreendidos e incorporados à cultura popular local? Parece-nos que no mínimo devemos ter um pouco mais de cuidado com análises lineares, que consideram esse tipo de relação como manifestações neocoloniais, sem negar que há claros vetores de poder ligados ao quadro político e econômico internacional.

Sobre o caso caboverdiano, uma pista interessante pode ser encontrada no estudo de Benilde Caniato (2000). A autora identifica que, no que se refere à língua, em Cabo Verde coexistem o português e o crioulo. Em cada âmbito da vida cotidiana é mobilizado um desses idiomas:

Nas situações de diálogo, o caboverdiano (porteiros, contínuos, polícias, caixeiros, etc.) mantém o mesmo código do emissor. Os alunos falam português com os professores, mas com os colegas falam crioulo. Os jogos de futebol são relatados em português, o povo discute e comenta, no entanto, em crioulo. Enfim, existe em Cabo Verde o bilinguismo, duas línguas que, a partir de um determinado momento histórico, deixaram de estar em conflito ou tensão. O português é língua estrangeira – talvez – mas não é estranha na nossa terra (p.134).

O português não é majoritariamente falado, não é a língua materna (como o crioulo), mas já não é mais exatamente somente de Portugal (mesmo que jamais deixe de ser). Da mesma forma, podemos pensar no Benfica e os clubes portugueses. O final do filme nos apresenta uma feliz metáfora: Mané retirou a bicicleta do sorteio e voltou a pedalar, certamente reencontrando os sonhos que jamais deveria ter perdido, por jamais poder se situar somente naquilo que lhe é externo.

BIBLIOGRAFIA

- Alvito, Marcos. “A parte que te cabe nesse latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, Lisboa, v.XLI, n.179, p.451-474, 2006.
- Armstrong, Gary, Giulianotti, Richard Drama, Fields and Metaphors: An Introduction to Football in Africa. Armstrong, Gary, Giulianotti, Richard (eds). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004.
- Bale, John. Three geographies of African footballer migration: patterns, problems and postcoloniality. In: Armstrong, Gary, Giulianotti, Richard (eds). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004. p.229-246.
- Bale, John, Cronin, Mike. Introduction: sport and postcolonialism. Bale, John, Cronin, Mike (eds.). *Sport and postcolonialism*. Nova York: Berg, 2003. p.1-14.
- Barros, Antero. *Subsídios para a história do cricket em Cabo Verde*. Praia: COC/CPV, 1998.
- Borges, Fernando. Pontapé inicial: um estudo de caso do futebol no Cabo Verde Moderno. In: Melo, Victor Andrade de, Bittencourt, Marcelo, Nascimento, Augusto (orgs.). *O esporte nos PALOPs: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- Caniato, Benilde Justo. Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos. *Via Atlântica – Revista da área de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa*, São Paulo, n.5, p.128-138, out.2002.

- Cardoso, Katia Aline Lopes Rodrigues. *Diáspora: a (décima) primeira ilha de Cabo Verde: a relação entre a emigração e a política externa caboverdiana*. Lisboa: Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, 2004. Dissertação de mestrado (Estudos Africanos: Desenvolvimento Social e Econômico em África).
- Darby, Paul. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, Lisboa, vol.XLI, n.179, p.417-433, 2006.
- Fernandes, Gabriel. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.
- Giulianotti, Richard. Os estudos do esporte no continente africano. In: Melo, Victor Andrade de, Bittencourt, Marcelo, Nascimento, Augusto (orgs.). *O esporte nos PALOPs: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- Martin, Phyllis M. *Leisure and society in colonial Brazzaville*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- Melo, Victor Andrade de. Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde. Rio de Janeiro, 2010. Relatório de investigação de pós-doutorado, Universidade Federal Fluminense.
- Oliveira, João Nobre de. *A imprensa cabo-verdiana: 1820–1975*. Macau: Fundação Macau, 1998.
- Poli, Rafaelle. Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects. *Afrika Spectrum*, v.41, n.3, p.393-414, 2006.
- Tiesler, Nina Clara, Coelho, João Nuno. Introdução - O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. *Análise Social*, Lisboa, vol.XLI, n.179, p.313-343, 2006.
- Vidacs, Bea. Through the prism of sports: why should Africanists study sports? *Afrika Spectrum*, v.41, n.3, p.331-349, 2006.
- Vidacs, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: Melo, Victor Andrade de, Bittencourt, Marcelo, Nascimento, Augusto (orgs.). *O esporte nos PALOPs: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.